

Fenomenologia do brasileiro

Vilém Flusser

Obra editada originalmente em alemão sob o título *Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen: Für eine Phänomenologie der Unterentwicklung (Brasil, ou a procura de um novo homem: por uma fenomenologia do subdesenvolvimento)*, Bollmann Verlag, 1994. Primeira edição em português organizada por Gustavo Bernardo, Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

Sumário

1. Em busca de um novo homem
2. Imigração
3. Natureza
4. Defasagem
5. Alienação
6. Miséria
7. Cultura
8. Língua
9. Diagnóstico e prognóstico

2. Imigração

Há na literatura que trata do problema da imigração uma curiosa lacuna. Parece que pouco ou nada tem sido escrito sobre um tema que se poderia chamar "Filosofia da Imigração e Imigração da Filosofia".

Embora o fenômeno da imigração tenha sido exaustivamente analisado de numerosos pontos de vista (especialmente nos países imigratórios), quase nunca o foi do ponto de vista do intelectual imigrante. Isto é surpreendente, já que deve ser suposto ser justamente o intelectual o mais indicado para articular a situação existencial do imigrante. A explicação disto talvez seja esta: a situação imigratória é de difícil generalização, e a generalização é a meta da visão filosófica. Em toda situação imigratória predominam os fatores específicos (por exemplo o *background* sociocultural e geográfico do imigrante, o território em que imigra, e o momento histórico no qual o faz), e estes fatores encobrem a estrutura da situação quase inteiramente. A tarefa de descobrir tal estrutura geral parece condenada ao fracasso (já que existe o perigo de, ao remover o específico, perdemos o próprio fenômeno), e os pensadores estão aparentemente prontos a abandonar o estudo do fenômeno às disciplinas científicas especializadas, como sejam a sociologia, a economia, a biologia e a psicologia.

Mas o fenômeno da imigração é um aspecto importante da história em geral e da atualidade em particular, e, a rigor, não compreenderemos nem a história nem a atualidade sem considerá-lo. Blondel diz que a verdadeira história consiste de vidas humanas, e a vida humana é metafísica em ato. Pois se "metafísica" tem a ver com "superação da situação", a vida imigratória será exemplo extremo da afirmativa blondeliana, já que tal superação lhe é começo. Portanto uma descrição fenomenológica da situação imigratória pelo próprio imigrante deveria a rigor poder desvendar a estrutura de toda vida humana, e isto não a despeito, mas por causa dos fatores específicos que a caracterizam. Tal descrição deveria desenterrar categorias aplicáveis a situações inteiramente diferentes. Uma tal tentativa será agora empreendida. Não no sentido de visar ao oferecimento dessas categorias já prontas para o uso, mas no sentido de provocar o leitor a escolher tais categorias que lhe pareçam aplicáveis à situação na qual ele próprio se encontra.

O ambiente brasileiro se oferece ao imigrante de forma ambivalente. Para captar a ambivalência, o imigrante deve libertar-se dos preconceitos que lhe encobrem a realidade, principalmente dos preconceitos "país novo", "sociedade aberta" e "terreno americano", mas também dos preconceitos "tropical" e "sociedade latina". Tais preconceitos encobrem a

realidade não por serem falsos, mas por serem meias verdades, e meias verdades são perniciosas.

Retirados os preconceitos, o Brasil aparece ao imigrante na seguinte forma: o primeiro contato se dá com uma massa urbana heterogênea e quase amorfa. É verdade que a massa fala uma única língua (o português), e isto parece dar-lhe estrutura. Mas o ouvido atento descobre que essa língua não é infra-estrutura (como no caso das sociedades europeias, mas que forma um teto a reunir a massa, qual esperanto ou koiné, debaixo do qual pulsam inúmeras outras línguas que se refletem no próprio português para poder penetrar a massa e integrar-se nela. Mas, fora disto, ela não oferece obstáculo digno de nota. É massa num sentido mais radical que a população urbana européia. A sua monotonia e a falta de articulação (que contrasta com a sua heterogeneidade) é o que primeiro salta à vista, em suma a falta de especificidade, quando São Paulo serve de modelo (o modelo é aplicável a muita cidade sulina, mas não a toda cidade brasileira, por exemplo não ao Rio de Janeiro, não às cidades da Bahia).

Ao penetrar na massa, o imigrante descobre no mingau um arquipélago de ilhas em processo de decomposição lenta. Toda ilha corresponde a uma sociedade europeia, ou a alguma sociedade do Oriente próximo e extremo, e é habitada por imigrantes dessas sociedades, seus filhos, e no máximo netos. As ilhas se diluem na massa que as banha e, se não se diluíram de todo, é por estarem ainda irrigadas por corrente imigratória já em vias de secar atualmente. As ilhas oferecem a imagem das sociedades originais em várias fases de decadência, desde um agarrar-se central e rígido a formas trazidas, até uma vaga lembrança periférica dos usos e abusos dos antepassados. O ritmo da decadência não depende apenas da corrente imigratória renovadora, mas também da rigidez e complexidade da sociedade original: japoneses se diluem em ritmo diferente dos árabes, judeus da Polônia em ritmo diferentes dos franceses. O imigrante descobre no arquipélago também aquela ilha que corresponde à sua própria origem, e vivencia o choque da decadência, da provincialização e da primitivização, o que facilita para ele a ruptura dos elos que o ligam à sua origem.

As ilhas são banhadas pelo mar proletário e subproletário composto de descendentes da população rural brasileira, de descendentes das populações das próprias ilhas, e irrigado por constante e crescente imigração do interior brasileiro. Há, nesse mar, também descendentes de escravos africanos libertos no fim do século passado, que formam porcentagem elevada (o que impressiona o imigrante), mas porcentagem não decisiva. A imigração do interior faz com que as cidades cresçam rapidamente e extravasem seus limites. Trata-se de massa humana desenraizada, que perdeu suas estruturas arcaicas, inadaptáveis à vida urbana, sem criar novas, a não ser a estrutura da máquina e o ritmo do aparelho. Esta massa humana é alienada de tal modo que o capítulo reservado ao problema neste ensaio nunca poderá esgotá-lo.

Desse mar começa a cristalizar-se uma camada relativamente estreita de pequena e média burguesia, que por sua vez dá origem a uma finíssima camada intelectual e acadêmica, uma espécie de elite. Pois serão estas as pessoas que formarão o mundo vital do imigrante, o campo do seu engajamento, seus amigos e inimigos, seus prazeres e sofrimentos, e o desafio para os seus atos. Diferem da burguesia européia e, comparados com ela, causam impressão agradável, talvez devido à sua origem diferente, já que não descendem, como a burguesia europeia, de artesãos e proletários, mas de imigrantes, tanto europeus quanto brasileiros, em geral camponeses. O desenraizamento da população proletária se transforma neles em abertura, relativa falta de preconceitos e espírito aventureiro, o qual, aliado à típica moral burguesa de produção, cria um clima reminescente dos anos da fundação de empresas na Europa. Esta camada é a principal portadora da responsabilidade pelos destinos do país (na medida em que esses destinos são decididos no próprio país), configurando-se praticamente na única fonte do seu progresso econômico, social e cultural. Passa a ser, também, portadora das tendências políticas, tanto das revolucionárias, quanto das conservadoras. Mas, a despeito disto, o desenraizamento é nitidamente constatável também nessas pessoas. São, no fundo,

homens perdidos, que não se encontraram nem enquanto indivíduos, nem muito menos enquanto grupo, e que buscam identidade por vezes desesperadamente. Uma densa névoa de ideologias europeias dificulta ainda mais o encontro consigo mesmo.

Finalmente o imigrante descobre na massa urbana um ínfimo grupo de *nouveaux-riches* que vegeta em luxo oriental sem jamais sequer contemplar o papel de elite que poderia desempenhar estruturalmente. Inteiramente alienado de si mesmo e de sua sociedade, tal grupo aparece ao imigrante apenas em forma de palacetes kitsch, de apartamentos opulentos e de notícias "sociais" na imprensa de segunda categoria; serve apenas para salientar, por contraste, a miséria das cidades.

O segundo contato do imigrante com o ambiente brasileiro ocorre muito mais tarde, e é com o homem rural, que forma a base das cidades e grande maioria da população. Ao contrário da massa urbana, o homem rural se opõe ao imigrante. Todas as suas categorias europeias para captar a realidade falham perante essa gente, inclusive categorias sociais aparentemente tão fundamentais como "família" e "aldeia", ou categorias psicológicas como "alegria" e "raiva". Porque aqui o imigrante se dá conta de ter abandonado não apenas o terreno do Ocidente, senão da história toda. É verdade que essas pessoas descendem em parte (talvez em maior parte) de europeus, a saber, portugueses – mas há tempo perderam qualquer contato com o Ocidente, não apenas por causa de sua mistura com indígenas e negros (isto seria o de menos), mas principalmente por causa da sua enorme solidão, do clima difícil e da natureza cruel que os cerca. Perante tais homens o imigrante se dá conta da falta de fundamento da população urbana, que repousa sobre tal infra-estrutura. A população rural não é nem "nova" nem "jovem" (embora seja constituída em grande parte por crianças), mas é tão antiga e imemorial quanto o é o neolítico no qual vive mentalmente. A saber: joguete na mão de forças superiores benignas ou, na maioria dos casos, malignas, a serem constantemente propiciadas. Mas não se trata de autêntica magia nem de autêntico neolítico, porque não se trata de indígenas, senão de europeus decadentes. A inautenticidade dos ritos exprime num sincretismo caótico (ritos índios e negros e costumes europeus, superficialmente informados pelo catolicismo e pelo protestantismo americano, com leve dose de um curiosíssimo positivismo), e mais ainda ao trágico fato de que a magia não abriga essas pessoas como abriga verdadeiramente "primitivos". Pois esses homens não tomaram posse nem da sua terra nem de si mesmos, mas flutuam, tomados de um atordoamento secular chamado "saudade", nas suas imensas planícies, quais destroços nas ondas. Não que sejam nômades (como o eram os índios, seus antepassados parciais), mas no seguinte sentido: não possuem o chão que cultivam de maneira arcaica, não brotaram raízes nele, e quando ocorrem catástrofes naturais ou outras (infelizmente comuns), abandonam a terra em ondas. São alheios a si mesmos e à sua terra, e olham espantados o mundo, inclusive o imigrante.

Pode no entanto perfeitamente ser o caso de tudo o que ficou dito não passar de engano de um ocidental que procura interpretar fenômenos incompreensíveis (e "ocidental" não significa apenas imigrante, mas também cientista brasileiro). Os fenômenos, o ficar parado na esquina olhando o nada, o ficar acorçado nos calcanhares, as filas índias de descalços ao longo das estradas, a mulher descalça e vestida de camisa de algodão montada em mula, as crianças sujas brincando com vira-latas em chão batido das casas de lama, tudo isto engana. Porque o caboclo que sofre de todas as doenças imagináveis é capaz de resistência e esforço surpreendentes. Embora seja analfabeto e ignorante, dispõe de inteligência e ironia que formam uma fonte ainda nem sequer aproveitada para uma autêntica cultura do futuro. Porque o caboclo ainda não criou cultura comparável com verdadeiras culturas "primitivas" (aquilo que passa por "cultura primitiva" no Brasil ou é feito por primitivos deliberados ou é *kitsch*), mas dispõe de uma cultura do coração que se manifesta em cortesia quase cavalheiresca. A sua proverbial paciência é igualmente enganadora, já que pode explodir repentinamente em violência individual e coletiva, para sossegar igualmente de repente. A sua aparente

submissão esconde um orgulho e sentimento de dignidade inacessíveis a um "civilizado". Tudo isto prova que o imigrante é incapaz de compreender essa gente, e deve se fiar em literatura que consegue, raras vezes e graças à empatia, captar essa mentalidade (por exemplo, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa).

Esse mundo a-histórico e arcaico é penetrado ultimamente pela história de forma violenta. Principalmente em forma de alto-falantes berrantes que comunicam algo inteiramente alheio ao mundo dessa gente. Mas também na forma de estradas, de colônias rurais (por exemplo, japonesas), na forma da decadência do latifúndio, e na forma de um Estado que procura, um tanto tardiamente, tomar a iniciativa no seu território. O caos mental e espiritual que disto é consequência não começou sequer a ser analisado. O imigrante não sente nem motivo nem incentivo para tentar assimilar-se a essa população, nem poderia fazê-lo, dada a estrutura fechada dessa sociedade, mas ela continuará formando o horizonte de todo futuro engajamento seu, um horizonte infelizmente nem sempre consciente. Porque é perante essa gente que ele será, em última análise, responsável por seus atos.

O último contato do imigrante com o ambiente brasileiro (um contato que nem sempre se dá) é com aquele grupo de pessoas que se toma por "verdadeiramente brasileiras". Trata-se de uma pequena minoria de pseudo-aristocratas, descendentes, em teoria, dos primeiros colonizados do país no século XVI, com personalidade nítida (variante da cultura portuguesa), nível intelectual e moral alto, e que forma uma sociedade endógama e fechada. Vive na maioria dos casos nas cidades (e é indiferenciável da burguesia, para um observador superficial), mas ainda se fundamenta em parte na propriedade rural (na atualidade, decadente). Ainda que se trate de grupo pequeno com influência decrescente, é importantíssimo para a compreensão do país, já que: (a) representava até há bem pouco tempo a sociedade toda, (b) criou ou possibilitou praticamente toda a cultura passada, e (c) deteve o poder político, do qual se separa atualmente com dificuldade. É um grupo trágico, porque imigrante no próprio país; ao contrário do imigrante europeu, não admite a sua própria situação para si mesmo. Toma-se, a despeito de provas óbvias, pelo contrário, como elite decisiva, e luta por um Brasil que existe apenas na sua memória e nas obras culturais por ele criadas.

A tragédia do grupo é reforçada pelo fato de que ele tem razão em chamar-se "o verdadeiramente brasileiro". Se algo é brasileiro, esse algo é a mentalidade dessa gente. Uma mentalidade aberta e sedutora (embora se trate de sociedade fechada), influenciada não apenas por Portugal, mas também pela França e pela Europa toda. Por isso, existe uma ideologia oficial que tenta identificar tal mentalidade com a mentalidade da sociedade toda. Porque, se for admitido oficialmente que tal mentalidade nada representa atualmente, admite-se o fato de que não existe mentalidade brasileira – admissão penosa.

Não há quem pudesse assumir o lugar dessa elite deposta. Disto é forçoso concluir que toda futura tentativa de criar uma mentalidade brasileira deve partir desse grupo enquanto modelo, embora não deva necessariamente contar com sua colaboração ativa. O engajamento do intelectual imigrante na nova pátria será, de uma forma ou de outra, sempre tingido pela decadência dessa elite, que lhe será sempre desafio. Logo, a ambivalência que o ambiente brasileiro representa para o imigrante pode assim ser resumida: é um ambiente de fácil penetração (já que a massa urbana, campo do imigrante, não oferece obstáculo digno de nota). Mas é um ambiente de difícil integração (já que a massa urbana não integra, mas decompõe, a massa rural é impenetrável, e a elite é decadente e fechada). Em outros termos: é fácil viver-se no Brasil enquanto imigrante, e desesperadamente difícil integrar-se nele.

No início deste capítulo foi proposta a tese de ser a situação imigratória exemplo extremo da situação humana. Agora a tese será submetida ao teste da situação do imigrante brasileiro. Que imigrante seja pessoa que abandonou uma situação para integrar-se em outra, portanto pessoa que se abre a uma nova situação a fim de alterar-se e a fim de alterá-la. A imigração é

processo dialético, no qual o imigrante recebe o impacto do ambiente e o ambiente o impacto do imigrante. O resultado do processo, se coroado de êxito, é a alteração de ambos os fatores. Claro: quanto mais forte a personalidade do imigrante, tanto mais penoso e demorado o processo da sua alteração, e quanto mais bem estruturado o ambiente, tanto mais superficial a alteração efetuada nele pelo imigrante. Igualmente claro: quanto mais flexível e aberta a personalidade do imigrante, e quanto mais maleável o ambiente, tanto maior o *feedback* entre ambos. Em outros termos: a complexidade do imigrante (tradição, grau de cultura, preconceitos) dificulta a integração, e sua flexibilidade (abertura, liberdade, universalidade) a facilita. Esta é a dialética interna da integração do ponto de vista do imigrante. Pois o ambiente brasileiro (desconsiderando a população rural e a aristocracia decadente, pois ambos não representam campo de integração) é de tal forma maleável, que não evidencia dialética interna, e a integração dependerá muito mais da dialética interna do imigrante que da dialética externa entre imigrante e ambiente. Se a complexidade do imigrante for igualada com seu nível cultural, e a sua flexibilidade com seu nível de inteligência, então a dialética entre cultura e inteligência no imigrante será decisiva para sua integração no novo ambiente. Este fato não pode ser estendido em regra geral, já que é especificamente brasileiro, e isto prova um rápido golpe de vista na direção dos Estados Unidos, esse país imigratório por excelência, no qual a situação é outra.

O imigrante aos Estados Unidos não toma contato com a massa amorfa, mas com uma hierarquia, na qual os vários níveis correspondem à origem étnica do imigrante, e sua ordenação à data original da entrada de cada etnia, de forma que o nível superior é formado por anglo-saxões, e o inferior por porto-riquenhos. O conjunto dos níveis perfaz a população urbana americana, e a população urbana perfaz a grande maioria da população americana. Isto quer dizer que ser americano significa no fundo pertencer a um desses níveis. Pois todo nível, aberto para o seu país de origem, representa esse país na América e a América no país de origem. Portanto, esses níveis não se dissolvem (como o fazem as ilhas brasileiras), mas entram em toda a sua complexidade na síntese americana. Por isso os Estados Unidos não são "*melting pot*" como o é o Brasil, e por isso exercem aquele poder assimilatório extraordinário que os caracteriza. Porque, quando o imigrante chega, é recebido pelo nível correspondente, é imediatamente enquadrado nele, e torna-se americano automaticamente. O abandono da sua prévia identidade não é exigido, mas, pelo contrário, é exigido dele que procure manter sua identidade e sintetizá-la com as outras existentes. Portanto a integração não se dá por ação do imigrante, mas pela sucção enquadadora do ambiente. O nível cultural do imigrante não se opõe à integração; assiste a ela. Em outros termos: ser americano significa sê-lo para o seu país de origem (europeu), a América é um país para a Europa (no sentido de modelo para sociedades europeias, e no sentido de alternativa para o europeu individual), e o americano se assume desta forma. Quanto mais decididamente europeu for o imigrante, tanto mais fácil sua integração nos Estados Unidos. É preciso, no entanto, completar o que ficou dito pelo seguinte: por cima de todos os níveis mencionados que estruturam a sociedade americana existe um nível cosmopolita, composto de cientistas, artistas e intelectuais, cuja americanidade é este seu cosmopolitismo. Trata-se de uma camada relativamente pequena, mas absolutamente numerosa e decidida para a humanidade toda, porque se é verdade que o mundo se americaniza, é esta a camada responsável por isto. Pois se o imigrante for de nível cultural alto, não será enquadrado pelo seu nível étnico, mas por este outro nível. Não apenas enquadrado, mas sugado do seu próprio país de origem. A sua integração não será neste caso feita por qualquer alteração sua, senão pela simples troca de sua universidade por uma americana, sua orquestra sinfônica por uma americana, seu laboratório e estúdio por um novaiorquino. A rigor, se o cosmopolitismo é americanismo, o imigrante já foi americano antes de ter emigrado a consequência dessa especificidade americana é que lá a dialética do imigrante não se articula, e a regra lá é esta: quanto mais inteligente for o imigrante, tanto

mais facilmente e rapidamente será integrado.

Voltando ao Brasil, deste excursão norte-americano pode-se formular assim a regra da integração aqui vigente: imigrantes inteligentes de baixo nível cultural se ambientam rapidamente na massa urbana, perdem sua identidade, e se diluem; imigrantes pouco inteligentes de baixo nível cultural dificilmente se ambientam, re-emigram muitas vezes e, se não o fazem, sentem-se decepcionados pelo novo país e derrotados pela vida; imigrantes pouco inteligentes de alto nível cultural se fecham nas estruturas trazidas, fingem desprezo pelo novo país (o qual não compreendem nem conhecem), e vegetam como uma espécie de funcionários coloniais sem função no exílio pelo qual são eles os únicos culpados; e imigrantes inteligentes de alto nível cultural procuram, a despeito de toda dificuldade, integrar-se no ambiente e engajar-se nele.

Ficou dito que viver como imigrante no Brasil é fácil, mas difícil é integrar-se. Isto agora deve ser melhor formulado. Para pessoas inteligentes é fácil viver no Brasil, já que não encontram obstáculo, desde que se decidam romper com sua origem. Mas isto não as transforma em brasileiros em não importa que sentido positivo do termo. Apenas as transforma em elementos da massa amorfa. Para dar um sentido positivo ao termo "brasileiro", o imigrante deve superar uma difícil tarefa, na qual não deve contar com a ajuda do ambiente, mas, pelo contrário, com sua resistência passiva. Esta é a ambivalência do ambiente brasileiro: não oferece obstáculo nem incentivo, e esta ambivalência é desafio existencial incomparavelmente maior que todo desafio americano. Tal desafio ilustra a situação imigratória exemplarmente, e precisa ser elaborado.

Tornar-se brasileiro significaria alterar a estrutura dos pensamentos, desejos, sentimentos e atos para dar-lhes nova dimensão, que supere e substitua uma dimensão sociocultural mais antiga. E significaria também vivenciar o ambiente brasileiro como mundo vital (*Lebenswelt*), por coincidência da nova dimensão com a estrutura do ambiente. Pois o ambiente brasileiro se caracteriza por pobreza de estrutura, e pelo fato de serem as estruturas existentes subterrâneas, soterradas por ideologias que dificultam o seu descobrimento (tais ideologias assumiram ultimamente nova virulência, em forma de conversas fiadas sobre a "brasilidade" da burguesia, em forma de exibicionismo de bandeiras, e em forma de festas alienantes como o são acontecimentos esportivos, e envolvem tanto a burguesia dita revolucionária quanto a genuinamente conservadora). Em outros termos: tornar-se brasileiro é difícil, porque as estruturas brasileiras estão escondidas, e ninguém é brasileiro (exceção feita da elite decadente, que o é em sentido superado). Portanto pode-se tornar brasileiro apenas quem primeiro dá sentido a este termo. E, para poder dar esse sentido, precisa primeiro descobrir a realidade. E, para poder descobrir a realidade, precisa primeiro alterar o ambiente. Em outros termos: se dar sentido, descobrir realidade e modificar ambiente é viver, então tornar-se brasileiro é tarefa para uma vida.

A pergunta "que significa ser brasileiro" poderá ser formulada de duas maneiras. Uma é perguntar pelo mínimo necessário para chamar alguém de brasileiro. Assim formulada é passível de fácil resposta (por exemplo, a formalmente legal), e é efetivamente assim que a pergunta é formulada por aqueles que aqui vivem sem engajar-se. A outra é perguntar pelo melhor significado possível do termo "brasileiro". É nesta formulação que adquirirá o sabor do engajamento. A primeira formulação é desprezível por razões elaboradas na introdução a este ensaio. A segunda formulação será agora considerada.

Ao longo do excursão aos Estados Unidos ficou dito que ser americano é ser para a Europa, portanto não um ser para si, mas um ser para o outro (também no sentido que Sartre dá a este termo). O americano vive no projeto existencial europeu, e deve no fundo justificar a sua existência perante a Europa (no sentido de oferecer segurança para a Europa, coletivamente em caso de perigo, e individualmente como país no qual é possível refugiar-se, e no sentido de oferecer modelos para a Europa, para que a Europa saiba o que europeus são capazes de

fazer e como podem viver em sociedade). O americano sempre sabe que vive perante a observação crítica, admiradora e invejosa da Europa, que é responsável perante ela e por ela, e que tem na Europa a sua derradeira realidade. A América é o "segundo sexo" da Europa, no sentido no qual Simone de Beauvoir emprega o termo.

Pois é possível afirmar que ser brasileiro é de alguma maneira também ser americano? Jorge Luís Borges parece responder afirmativamente, em nome de todo o continente americano. Isto prova que na Argentina o problema da busca de identidade é mais claro que no Brasil (embora não pareça que o argentino se tenha encontrado melhor que o brasileiro). Pois a maneira como o ambiente brasileiro se apresenta (e como este ensaio começou a descrevê-lo) parece exigir uma resposta negativa à pergunta. Isto por uma série de razões, algumas das quais serão consideradas. Mas primeiro é preciso considerar as razões que parecem motivar Borges. O Brasil, tal qual os Estados Unidos, tem população preponderantemente europeia (embora essa população se origine mais na área mediterrânea, e menos no Norte e Leste europeus, e embora se assuma muito menos europeia). O Brasil tal qual os Estados Unidos, tem mãe-pátria europeia (embora Portugal não tenha desempenhado o mesmo papel que a Inglaterra desempenhou nos Estados Unidos). O Brasil é determinado por pensamentos, coisas, atos e decisões europeias, com efeito mais determinado que nos Estados Unidos. O brasileiro culto participa quase exclusivamente da cultura europeia, passivamente (e em grau pequeno, também ativamente) tal qual o americano culto. E outras razões para sustentar a tese de Borges poderiam ser mencionadas.

E, no entanto, a tese não pode ser mantida. A primeira razão disto é: a grande massa da população brasileira não descende, como a americana, de pessoas que conquistaram um grande território em nome da Europa, e aniquilaram os indígenas ou empurraram seus restos insignificantes para um canto. Mas descende de pessoas que em luta centenária contra uma natureza terrível perderam seus laços com a Europa, que se misturaram durante a luta com a população indígena, e que decaíram, durante o processo, para um estágio pouco superior à situação do indígena, portanto para um secundário primitivismo. Perderam, portanto, a sua historicidade. Uma população assim não é americana no sentido proposto, já que não vivencia na Europa a sua realidade, não se sente responsável perante a Europa nem muito menos pela Europa, e não pretende lhe ser modelo. Toma conhecimento da Europa apenas na forma de um centro irradiador de influências que a manipula e explora, e não consegue distinguir nisto entre a Europa e os Estados Unidos. Este ponto é importante para a compreensão do brasileiro. Não se sente mais sujeito da história, mas objeto sofredor da história (inclusive da europeia), um objeto que começa a não querer sê-lo.

A segunda razão contra a tese de Borges é esta: o Brasil tem sido o país imigratório tanto quanto os Estados Unidos, mas em sentido diferente e com consequências diferentes. Quem colonizou os Estados Unidos foram dissidentes e contestadores, portanto gente que se opôs com plena consciência contra a ordem estabelecida na Europa, e procurou erigir uma nova ordem na América para servir de modelo à Europa. Depois, é verdade, veio a torrente de imigrantes oprimidos e fracassados econômica e socialmente, e de escravos africanos que vieram forçados. Mas sempre houve, nessa torrente, indivíduos que migraram para os Estados Unidos por perseguição política, religiosa e racial, porque acreditavam poder viver livremente na América, e efetivamente assim foram recebidos pelo americano. A consequência disto é que a América tem um traço original radical, e conserva, a despeito de muitas peripécias, este traço até hoje. Em outros termos: os Estados Unidos sempre tem sido americanos no sentido proposto. Mas o Brasil foi colonizado por aventureiros portugueses que visavam a enriquecer (sem consegui-lo). Depois serviu de área de escape para a superpopulação portuguesa. Mais tarde, surgiu uma torrente de fracassados e de escravos, semelhante à torrente norte-americana, mas aí a estrutura do pensamento brasileiro já estava projetada. Não se pode negar que existia também uma pequena imigração de perseguidos e contestadores, mas vieram não

porque esperassem liberdade da mentalidade brasileira, mas sim da vastidão da terra. E, com efeito, esta gente nunca foi recebida de braços abertos, senão tolerada. O Brasil nunca tem sido americano no sentido proposto, e continua não sendo.

A terceira razão contra a tese de Borges tem a ver com o caráter problematicamente latino da sociedade brasileira. Ser americano é uma espécie de ser europeu moderno. E a Europa moderna é, em certo sentido, a vitória da parte germânica (e eslava) sobre a parte latina. Não apenas geograficamente, transferindo o centro do Mediterrâneo para o Atlântico norte, mas, mais fundamentalmente, ameaçando – e depois minando – a posição da Igreja latina. Neste sentido mais profundo o americano é protestante, não apenas porque protesta contra a latinidade e contra Roma, mas contra toda a autoridade, contra a tradição e contra a Idade Média em todos os seus aspectos. Não se pode querer romper a ligação entre americanismo e protestantismo, e o Brasil não é, nem será protestante. Não apenas por ser superficialmente católico, latino e descendente do Mediterrâneo, mas por ser alheio a todo antidogmatismo. Pelo contrário, não há campo aqui para o desenvolvimento de um autêntico empirismo. Racionalismo e dogmatismo caracterizam tudo, desde o Estado e a Igreja até o planejamento de cidades como Brasília e Belo Horizonte. Há ortodoxias positivistas e marxistas, e há uma tendência geral de crer em teorias e agarrar-se a elas. Pois racionalismo e dogmatismo são muito próximos do misticismo (embora não pareçam sê-lo). Por isto, movimentos místicos são tão profundamente enraizados na mentalidade brasileira e tão alheios à mentalidade americana (quanto mais gritam lá, mais ridículos se tornam). Em suma: se o americanismo e o protestantismo vão juntos, é porque o protestantismo permite a manipulação e a rejeição, tão tipicamente americana, de modelos.

Outras razões contra a tese de Borges poderiam ser oferecidas com facilidade. Por isso a pergunta o que significa "brasileiro" deverá ser formulada em contexto que nada tem a ver com a América, embora posteriormente pontos de confluência possam ser constatados. Muito se tem falado, na tentativa de descobrir a essência brasileira, nas "três raças tristes". Obviamente trata-se de uma ideologização romântica da realidade, e os termos "raça" e "triste" o provam. Ideologização, porque cala o fato de que a síntese das três raças foi conseguida pela escravização do negro e pelo abuso do índio. E romântica, porque parece valorar a tristeza positivamente. Mas há, na famosa sentença, uma centelha de verdade que pode servir de ponto de partida. A saber: a síntese tem algo a ver com a essência brasileira. Porque síntese é mistura superada, e o Brasil é obviamente um país de misturas em todos os níveis. Na economia e na política, na arquitetura e na filosofia, e principalmente no nível humano, como tipo. A palavra "raça", por exemplo, que ocorre na sentença citada, não significa no Brasil, como na Europa e Estados Unidos, critério para distinguir entre homens, mas critério para distinguir entre vários traços do mesmo homem. O resultado surpreendente de misturas raciais inacreditáveis (por exemplo, nórdico-negro-japonês, ou árabe-indígena-eslavo) é a beleza. Muito se tem falado da graça, da beleza e da elegância da mulher brasileira, mas nunca o suficiente. Em parte alguma (isto pode ser afirmado sem exagero), a feminilidade se apresenta em formas tão perfeitas e sedutoras. Parece que a mistura de raças conseguiu alcançar uma síntese graças à qual o especificamente racial cede ao genericamente humano em novo nível (no caso: ao genericamente feminino). Não pode haver argumento melhor para reforçar que o Brasil seja contra o racismo.

Mas síntese não é mistura. A diferença óbvia é esta: na mistura os ingredientes perdem parte de sua estrutura, para unir-se no denominador mais baixo. Na síntese, os ingredientes são elevados a novo nível no qual desvendam aspectos antes encobertos. Mistura é resultado de processo entrópico, síntese resulta de entropia negativa. Obviamente o Brasil é país de mistura. Mas potencialmente, por salto qualitativo, é o país da síntese, como sugere o exemplo da raça. O importante a ser notado nesse processo é o seu caráter não deliberado. Não é o caso, como por exemplo nos Estados Unidos, de existir programa para síntese ou

mistura, programa este a ser realizado. Pelo contrário, o processo brasileiro despreza programas. Ao longo deste ensaio aparecerá o problema da mistura e da síntese em muitos níveis. Aqui basta permanecer no exemplo da raça. Não é o caso de não existirem preconceitos raciais em várias teorias. Pelo contrário, estes preconceitos aparecem, como espectros, nas névoas das várias ideologias importadas, e às vezes se materializam durante bate-papos de forma surpreendente. Mas existencialmente são alheios ao país, e nunca penetram das alturas teóricas na vida concreta. Para manter o paralelo com os Estados Unidos: lá existe a teoria oficial da igualdade das raças, e a incapacidade existencial de traduzi-la para a realidade. Aqui existem as mais fantásticas misturas de teorias e pseudoteorias, mas a realidade as despreza e visa, inconscientemente, à igualdade das raças. De maneira que o país é caracterizado por mistura autêntica e, potencialmente, por síntese igualmente autêntica, porque não deliberada.

O segundo aspecto da sentença quanto às três raças tristes a ser considerado é o da "tristeza". Trata-se de três elementos – o português, o negro e o índio – que foram todos desprezados pela história, e quiçá por isso são "tristes". Por diferentes que sejam os elementos entre si, eis o que têm em comum: ou foram eliminados da história, ou nunca a penetraram. Com efeito: os processos que ocorrem no Brasil se dão à margem da história, e se história significa "tornar consciente", os processos em curso no Brasil se dão à margem da consciência inclusive, ainda, do próprio brasileiro. Há uma sentença que afirma que o Brasil se desenvolve durante a noite, quando dormem seus administradores. Pois só a inconsciência dos processos pode explicar tal sentença.

O aroma do ahistórico e do inconsciente, aroma este que envolve o imigrante desde o primeiro dia, tem algo de doce e inebriante e lembra o clima visado pelo LSD e pelos *hippies*. No curso da última geração, é verdade, parece querer evaporar-se e parece que o gigante adormecido em berço esplêndido está despertando. Mas na realidade o processo da evaporação é um fenômeno epidérmico, que apenas consegue tornar a superfície do país mais feia, mas não consegue lhe modificar o âmago. Porque continua válido para o Brasil que nele se concede um terreno muito amplo ao inconsciente, ao emotivo e ao intuitivo, e que persiste uma desconfiança generalizada do "mero" intelecto. O brasileiro é homem do palpite genial, e não do planejamento.

Mas esta afirmativa parece contradizer em muito um fenômeno observável. Por exemplo, a mencionada tendência para o racionalismo e o dogmatismo, e a violenta tendência da administração para o planejamento. Contudo a contradição é apenas aparente. O pensamento racional e dogmático, o agarrar-se a teorias e esquemas majestosos, a maneira cartesiana e positivista de racionar, não passam de tentativas de construir contrapesos contra a tendência mais fundamental para o misticismo. Isto faz com que, por exemplo, o pensador brasileiro pendule constantemente entre a atração mágico-mística e um escolástico academicismo. E quanto ao planejamento, Brasília e a Estrada Transamazônica são exemplos gigantescos de como funciona. É verdade, são projetos planejados e espelham o planejamento em todos os seus aspectos, mas, no fundo são fantásticos e podem ser defendidos racionalmente com dificuldade.

Pode-se objetar que o palpite genial é, em última análise, um elemento empírico, e que, afinal de contas, o brasileiro não se distingue tanto assim do americano. Muitos assim argumentam, mas estão errados. A atitude empírica é a aplicação consciente do método da tentativa e do erro, e isto é o núcleo do pragmatismo americano. E o palpite genial faz o homem seguir uma voz interior, proveniente do inconsciente, e que se cala e morre quando tornada consciente. Como ficou dito: racionalismo e dogmatismo são próximos da magia e do misticismo, e opostos ao empirismo e ao pragmatismo. Uma consequência disto é que não raro aparece aqui um tipo humano que reúne em si nacionalismo tecnológico e abertura para o inconsciente, numa síntese que pode ser indicadora de futuro.

A meta destas considerações é aproximar-se da essência brasileira. Em outros termos, a tarefa revela-se contraditória: trazer essa essência à tona, tirando-a do inconsciente no qual se abriga espontaneamente. Pois essa tarefa contraditória é a tarefa da filosofia. O passo filosófico para trás nada é senão a tentativa do conscientizar o inconsciente. E tal tarefa filosófica pode ser cumprida com maior facilidade pelo pensador imigrado do que pelo nato. Porque o imigrante se encontra em “transcendência” do problema pela sua própria situação, desde já e automaticamente. Este é um dos aspectos do extraordinário desafio brasileiro, para o imigrante, de que se tem falado. Pois o que pode significar ser brasileiro no melhor dos casos? Pode significar um homem que consegue (inconscientemente, e mais tarde conscientemente) sintetizar dentro de si e no seu mundo vital tendências históricas e não históricas aparentemente contraditórias, para alcançar uma síntese criativa, que por sua vez não vira tese de um processo histórico seguinte. Portanto pode significar uma maneira concreta e viva de ser homem e dar sentido à sua vida, fora do contexto histórico, mas nutrido por este. Neste melhor dos casos, pode significar o "novo homem" do Marx, sem no entanto continuar a ser determinado dialeticamente. Pode significar viver no "terceiro império do Espírito Santo" de Schelling, sem que tal império signifique a plenitude dos tempos. Pode, em outros termos, significar que aqui está surgindo um homem que supera a história e se transforma em lugar no qual a história é criativamente absorvida.

É isto que pode significar ser brasileiro no melhor dos casos. Não é necessário dizer que isto não é o que ser brasileiro significa na realidade, mas não é necessário fazê-lo. Porque faz parte da essência do brasileiro não ser real (estado), mas virtual (processo). A essência brasileira não é uma maneira de ser, mas uma maneira de buscar. O Brasil não é perfeito (no sentido de "realizado" e, portanto, "passado"), mas é assumido (no sentido de, olhando para a frente, arriscado e apenas esboçado). Não tem sentido portanto perguntar o que significa ser brasileiro na realidade, por que este ser é em vias de, projetável no futuro e não totalmente resultante de passado. Apenas tem sentido perguntar o que pode significar ser brasileiro no melhor dos casos. É assim que sua essência se revela. A situação na qual o Brasil se encontra pode deste ponto de vista ser assim formulada: a virtualidade de ser brasileiro, que a burguesia procura abafar, se articula na população rural desenraizada e no proletariado alienado. Esta burguesia é o grupo decisivo para o futuro previsível. E isto significa, para o imigrante que procura engajar-se, que a situação isola o seu ponto de vista e o afasta sempre mais dos pontos de vista dos seus próximos, que são os burgueses brasileiros, que se tornam coletivamente vítimas da ilusão de dever abandonar a sua essência para penetrar, como no Japão, o palco da história e nele desafiar – para com eles competir – os poderes estabelecidos. Isto, a despeito das vozes alarmadas dos anos 50, as quais, como Guimarães Rosa e Vicente Ferreira da Silva, apontavam a essência brasileira no sentido exposto. E a despeito das tendências que ocorrem no próprio palco histórico e que procuram sair de lá a todo custo. Dividida em dois campos que se digladiam sangrentamente, a burguesia se precipita cegamente rumo ao progresso, como para provar a famosa sentença que afirma serem os progressistas atualmente possíveis apenas no subdesenvolvimento. O campo revolucionário, representado por parte da juventude acadêmica, dirá que o ponto de vista aqui defendido é reacionário e desprezível. E o campo conservador, que detém o poder, dirá que se trata de ponto de vista estrangeiro e, tomado de recém-adquirido chauvinismo, recusará o ponto de vista rejeitando-o como um imiscuir-se indevido.

A corrida em direção ao progresso é facilmente explicável. Em primeiro lugar, pelo fato concreto da intolerável miséria na qual vive grande parte da população e que efetivamente pode ser sanada apenas pelo progresso da tecnologia (este argumento é justo e será considerado no devido contraste). Em segundo lugar, por ideologias europeias do século XIX, ideologias estas em parte compreendidas, mas não vivenciadas, e que fazem crer aos burgueses que a única saída para o país são as sociedades neocapitalistas (que não seriam

socialistas?). Em terceiro lugar, enganados pelo tamanho geográfico do país e o elevado número da população, crêem os burgueses que, alcançada a história, o Brasil poderá dela participar decisivamente. Mas a defasagem da burguesia em relação à história torna para os burgueses difícil a leitura e a compreensão correta da atualidade.

O resultado de tudo isto é: por parte da burguesia conservadora no poder, esforços enormes são feitos para o desenvolvimento econômico, esforço coroado parcialmente de êxito, mas inteiramente desvinculado de meta de tornar o Brasil potência decisiva. Simultaneamente, procura essa parte da burguesia congelar a situação social e cultural do país, e suprimir o campo revolucionário com métodos há muito provados pela história como sendo ineficientes. A parte revolucionária da burguesia busca, sob a forma de levantes romanticamente incompetentes e atos de violência isolados, assumir o poder – tarefa impossível, mas que, se fosse conseguida, resultaria praticamente no mesmo método seguido atualmente. Acrescente-se a isto que ambos os campos não sabem, ou não querem saber, que não passam de joguetes de forças históricas externas, e que o único resultado palpável da luta intestina seria a transferência do campo da batalha, entre o neocapitalismo e o socialismo, dos países históricos para a periferia brasileira.

Isto é situação trágica e ameaça o engajamento do imigrante por desespero. Tal desespero e tal desorientação são, conforme ficou dito na introdução, os motivos deste ensaio. E iluminam a tarefa do imigrante dramaticamente. Pois o imigrante não pode contar com seu ambiente na tentativa de encontrar-se e encontrar caminho. Deve abrir a sua própria picada, dentro do seu novo mundo vital, para permitir a saída aos seus próximos e a si mesmo. Mas, ao dizer isto, já foi dado o primeiro passo em direção a um encontro consigo mesmo.

Se a essência do brasileiro for vista mais ou menos corretamente, então deverá vir o momento da dissipação das ideologias tanto da direita quanto da esquerda, e o aparecimento da verdadeira maneira de ser brasileiro. A saber: da sua capacidade ímpar de sintetizar opostos por métodos espontâneos, que se chamam "amor" em outros contextos. Até lá é tarefa do imigrante manter essas tendências vivas na sua própria mente.

Pois é assim que o Brasil se apresenta ao imigrante intelectual no último terço do século XX: um ambiente que não lhe opõe obstáculo digno de nota, nem incentivo para engajar-se nele. Se quiser viver neste ambiente como homem livre, deve abrir sua própria picada. "homem livre" significa homem que vê sua própria situação de fora, projeta um mapa sobre ela e age de acordo, que dá sentido ao seu ambiente, vive de acordo com este sentido, e assim o transforma num mundo da sua vida. E, para que este sentido dado não seja mera fantasia, procura desvendar a realidade da situação em que vive. Portanto: pronto a altera-se, a fim de alterar o mundo. Assim se apresenta a situação do imigrante no Brasil, como exemplo extremo da situação humana. E assim tem ela significado para todos.

Em largos traços o esboço do país foi desenhado. Agora serão tomados setores específicos, a fim de aprofundar o desenho e dar-lhe plasticidade. Assim surgirá uma visão possivelmente aplicável a outras situações do homem desorientado neste final de século XX.

É duro ser judeu

por [Moacyr Scliar](#) *

publicado em 12/2/2008.

Suspirou quando se deu conta de que carne suína seria apenas uma lembrança, o que era um

Ladrão finge ser judeu ortodoxo, mas é preso. A tentativa de Reinaldo Rodrigues, 30, de se passar por um judeu ortodoxo não durou mais do que cinco minutos. Após roubar R\$ 15 mil em dinheiro, relógios, telefones e equipamentos eletrônicos da casa de um rabino, o bandido apropriou-se de um chapéu da vítima e, achando-se com cara de judeu, tentou fugir. Foi preso em flagrante pelo sargento da Polícia Militar André Mario Destro. O sargento Destro notou que o homem do chapéu usava um terno claro -religiosos judeus usam vestimentas escuras-, não tinha barba nem peiót -cachinhos ao lado das orelhas. O PM apontou para a imagem de um candelabro de sete velas que aparecia em uma moeda encontrada em poder do ladrão. Perguntou qual o nome da peça. Rodrigues ficou mudo. "Eu disse: isso aqui é uma menorá, um dos símbolos mais fortes do judaísmo." Segundo o PM, o ladrão, que portava um revólver de brinquedo, confessou o crime. **Cotidiano, 13 de fevereiro de 2008**

PIOR QUE UM FRACASSO , foi uma humilhação. A tentativa de passar por rabino resultara num fiasco, e em deboche por parte dos policiais e de outros presos. De modo que, tão logo cumpriu a pena, decidiu dar a volta por cima. Mostraria que podia, sim, desempenhar aquele papel. Mais: ganharia dinheiro com isso. Durante as longas noites de cadeia elaborara um cuidadoso plano. Não apenas passaria por judeu, como se intitularia chefe de uma seita judaica por ele próprio fundada. Com o dinheiro dos fiéis, faria fortuna.

Para isto, naturalmente, teria de adquirir os conhecimentos cuja falta o levava à prisão. Mas sabia como fazê-lo: procurou um velho judeu, que não sabia de sua história, disse que pretendia se converter e que por isso precisava aprender mais sobre o judaísmo. O ancião ficou surpreso, e sua primeira reação foi a de recusar: o rapaz deveria recorrer a alguém mais autorizado. Ele insistiu: sei que o senhor é um homem culto, um sábio e é com o senhor que quero aprender sobre judaísmo. O homem acabou concordando, e no dia seguinte começaram as aulas.

E havia muito o que aprender. Muito mais do que ele imaginava.

Para começar, toda a história do povo judeu, uma longa história, às vezes gloriosa, às vezes dolorosa, às vezes gloriosa e dolorosa ao mesmo tempo: os guetos, as perseguições, os massacres... Depois, os livros sagrados, a Bíblia, o Talmude. Ah, sim, e as prescrições religiosas: as orações, os alimentos que podia e não podia comer. Suspirou quando se deu conta de que carne suína, daí por diante, seria apenas uma lembrança - o que, para quem adorava um lombinho, era um sacrifício não pequeno.

"**É duro ser judeu**", dizia o mestre, e ele tinha de concordar. Mas era um cara teimoso; agora que começara, iria até o fim.

E ao fim ele chegou, meses depois. O velho e improvisado professor disse que nada mais tinha a ensinar e que o jovem, graças a seu esforço, se saíra muito bem. Sim, se ele quisesse, poderia se converter. "*Só falta a circuncisão*", disse.

A circuncisão. Como podia ter esquecido aquilo? Claro, a circuncisão era essencial: caso contrário, da primeira vez que ele estivesse com um fiel no mictório a farsa seria descoberta.

Mas era demais. Circuncisão? Para ele, demais. De modo que desistiu do plano. Está pensando em outras coisas. Arranjar um cartão corporativo, por exemplo.

Papai Noel no trópico

Por Moacyr Scliar

Meu avô era aquilo que os vencedores na batalha pela vida costumam denominar de um perdedor. Nada do que fazia dava certo, nada. Ainda jovem havia jogado fora a pequena fortuna que recebera de herança; fizera um investimento maluco qualquer e perdera todo o dinheiro. A partir daí, tentou de tudo para sobreviver; foi comerciante, foi corretor de imóveis, foi vendedor de seguros, foi motorista ... Até a astrologia experimentou, mas teve de encerrar a carreira depois que uma cliente, indignada com suas previsões erradas, deu-lhe uns tapas em plena rua. De desastre em desastre os anos iam passando; mesmo sem dinheiro, ele casou. Com a mulher ideal, aliás: minha avó, Isabel, era de uma paciência admirável, e encarava com bom humor as extravagâncias e os insucessos do marido. Tiveram oito filhos porque meu avô, além de tudo, considerava-se um patriarca e olhava com satisfação a sua tribo crescer. A família sobrevivia, principalmente porque vovó era boa costureira e tinha numerosas clientes na alta sociedade, o que lhe dava certa renda. Quanto a vovô, continuava arranjando um bico aqui outro ali.

Um dia recebeu uma oferta inesperada. Um de seus muitos amigos, comerciante relativamente próspero, convidou-o para trabalhar como Papai Noel: ficaria diante da loja, com o traje vermelho característico, convidando os transeuntes a entrar no estabelecimento. A princípio, vovô rejeitou a proposta, com indignação, inclusive: o que é que você pensa que sou, posso ser pobre mas tenho minha dignidade, não vou bancar Papai Noel coisa nenhuma. Mas aí o homem mencionou uma cifra, que não era pequena. Vovô engoliu em seco. Era mais do que lhe tinham pago por qualquer trabalho. Um dinheiro que lhe permitiria oferecer um Natal decente à tribo. Aceitou.

E se saiu muito bem. Porque era muito parecido com o Papai Noel: gordo, rechonchudo, faces rubicundas. Nem precisava usar barba postiça; a bela barba, precocemente branca, tornava desnecessário tal disfarce. Mais: seu riso era igualzinho ao Ho-ho-ho que, segundo a lenda, é característico do Papai Noel. Só lhe faltava o trenó com as renas, porque o resto todo ele tinha.

Esta semelhança logo o tornou conhecido. Shoppings passaram a contratá-lo, e clubes, e também uma emissora de tevê. Orientado por um amigo, marqueteiro esperto, cobrava bons cachês. Ao menos no fim do ano ele tinha assegurada uma fonte de renda — e um bom final de ano para a família. A ceia de Natal (sempre realizada no dia 25, porque no dia 24 ele trabalhava até tarde) era magnífica; e os caros presentes junto à árvore de Natal provocavam admiração (e inveja) nos vizinhos.

Ninguém lhe perguntava se ele gostava de bancar Papai Noel; nem vovô falava a respeito. Mas para a mulher abria seu coração: odiava aquilo. Não tanto por causa da encenação; o que lhe incomodava era a roupa. Ridícula e, pior, quente: na cidade do Nordeste em que viviam a temperatura nunca baixava de 25 graus. E vovô era particularmente calorento; quando o termômetro subia, ele sofria. Normalmente andava só em mangas de camisa, de bermuda e chinelo. Via a fantasia de Papai Noel como verdadeiro suplício. Não sei por que tenho de vestir essa coisa, reclamava. Vovó ponderava que, na lenda, Papai Noel vinha do Pólo Norte; teria, portanto, de usar roupas quentes.

— Mas eu sou um Papai Noel brasileiro! — bradava vovô. — Não podia fazer esse papel só de camiseta?

Pergunta retórica. Ele sabia que uma versão tropical da roupa natalina jamais seria aceita. O Brasil, resmungava, sempre imitou a Europa e os Estados Unidos, não será agora que as coisas mudarão.

Vovó tentava consolá-lo como podia. Tratou, inclusive, de confeccionar para o marido uma fantasia de Papai Noel bem mais leve, mais arejada; mas vovô, talvez por causa da irritação, continuava suando em bicas. Este aborrecimento começou a lhe envenenar a vida. À medida que se aproximava o fim do ano, ia ficando mais irritadiço. Na semana do Natal ninguém podia chegar perto dele; explodia por qualquer coisa. Lá pelas tantas vovó começou a ficar preocupada. Vovô já era um homem idoso, beirava os setenta, e a sua saúde não era das melhores; ela temia que aquilo acabasse prejudicando o homem. Chegou a sugerir que ele parasse de vez; afinal, tanta gente se aposenta, por que não podem se aposentar as pessoas que fazem o papel de Papai Noel? Uma idéia que vovô repelia, indignado. Não era homem de abandonar a luta.

Mas os temores de vovó se confirmavam. Dez dias antes do Natal vovô teve um acidente vascular cerebral. Às pressas, foi levado para o hospital. Seu estado era grave; uma pneumonia complicava o quadro. Com febre, vovô delirava, dizia coisas sem sentido. No fim daquela semana, melhorou, recuperou um pouco a lucidez. Olhou a mulher, reconheceu-a:

— Que dia é hoje? — perguntou, em voz fraca.

Era a véspera de Natal, mas vovó, inquieta, não sabia se lhe dizia isso ou não: afinal, era a primeira vez que, nessa época, ele não estava cumprindo seu papel. Por fim disse que era a noite de 24 de dezembro.

— Então o Papai Noel deve andar por aí — disse vovô. E, depois de uma pausa, continuou:

— Eu queria falar com o velhinho. Queria lhe fazer um pedido. Sem saber o que responder, e alarmada com a estranha conversa, vovó decidiu chamar o filho mais velho — meu pai. Contou o que tinha sucedido, perguntou o que deveriam fazer.

Meu pai pensou um pouco. Ele era jovem, ainda, e, como vovô, tinha um temperamento fantasioso. De modo que não hesitou:

— Se o velho quer ver o Papai Noel, verá o Papai Noel. Foi para casa, trouxe a fantasia que vovô usava (acrescida de uma barba postiça, de algodão branco) e, pouco depois, entrava no quarto do hospital vestido como Papai Noel. Vovô abriu os olhos, viu aquela figura e não estranhou; pelo contrário, esboçou um débil sorriso.

— Eu sabia que você viria, meu amigo. Tenho um pedido a lhe fazer.

Meu pai limitou-se a acenar com a cabeça: tinha medo de que vovô o identificasse pela voz, se disse qualquer coisa. Mas aparentemente o ancião achava que estava falando com o Papai Noel. Soerguendo-se a custo, fez o seu pedido:

— Eu não quero ser mais o Papai Noel, amigo. Ouviu?

Não quero ser mais o Papai Noel. Não agüento aquela roupa, sabe? Não agüento. Você, que é o verdadeiro Papai Noel, ficará no meu lugar para sempre. As pessoas gostarão disso. E eu poderei morrer em paz.

Calou-se, exausto, deixou-se cair sobre os travesseiros. Vovó chorava baixinho; papai a custo continha o pranto. Mas tinha de levar a encenação até o fim, e assim fez para vovô um sinal de positivo, apertou-lhe a mão e saiu.

A melhora de vovô revelou-se enganosa. Ele voltou a piorar e uma semana depois faleceu.

A consternação foi geral. O velho era conhecido e estimado em toda a cidade e os jornais anunciaram o seu falecimento. O Natal não será mais o mesmo, dizia uma das notícias. Outra: Papai Noel nos deixou.

Aos poucos, a vida foi voltando ao normal. Vovó passou a morar com uma filha, professora. Sentia muita falta do marido, e sempre falava nele, mas acabou se resignando. Parecia que, daí em diante, vovô seria apenas uma lembrança.

E aí, a surpresa. Em fins de novembro do ano seguinte papai foi procurado por um grupo de lojistas. Queriam que ele se tornasse Papai Noel.

O pedido tinha fundamento. Papai era parecidíssimo com vovô, grande e gordo como ele. E tinha o mesmo vozeirão, o mesmo riso em Ho-ho-ho. Ou seja, era a figura talhada para o papel. Esse tipo de sucessão, aliás, não era excepcional. O cargo de Rei Momo do Carnaval estava há décadas com uma mesma família — uma família de gordinhos carnavalescos. E o cachê continuava polpudo. Detalhe importante: papai, como vovô, nunca tivera emprego fixo. Mamãe, que, à semelhança de vovó, era uma mulher prática (e sabia o esforço que lhe custava manter a casa com orçamento apertado), disse que ele tinha de aceitar. Papai aceitou. E foi um sucesso. A cidade toda se comoveu: as pessoas choravam ao vê-lo na mesma roupa de vovô.

Agora, já faz vinte anos que ele é Papai Noel. Eu era um menininho então, tornei-me homem (e, seguindo a tradição familiar, não tenho emprego fixo; sou músico, mas preciso lutar muito para ganhar algum dinheirinho). O tempo passou e, o tempo passando, papai foi ficando cada vez mais parecido com vovô. Ele já nem precisa usar barba postiça; a sua própria barba quebra o galho, embora não esteja ainda inteiramente branca.

Como vovô, papai foi progressivamente detestando a tarefa de bancar Papai Noel. E pela mesma razão: a roupa é quente demais. Queixa-se, mas vai em frente. A fantasia das crianças é mais importante que meu desconforto, diz. Uma frase que, de algum modo, me serve como lição de vida. Papai Noel não é aquele que dá presentes, é aquele que traz alegria e conforto. Pensarei nisto quando chegar a minha vez de vestir a velha roupa vermelha, quando chegar a minha vez de anunciar a todos o Natal. Será uma experiência estranha. Mas irei em frente. Embora já esteja até sentindo o calor.

Texto extraído da "revista e", editada pelo SESC - São Paulo (SP), em dezembro de 2003, nº 06, ano 10.

Zap

Moacyr Scliar

Não faz muito que temos esta nova TV com controle remoto, mas devo dizer que se trata agora de um instrumento sem o qual eu não saberia viver. Passo os dias sentado na velha poltrona, mudando de um canal para outro — uma tarefa que antes exigia certa movimentação, mas que agora ficou muito fácil. Estou num canal, não gosto — zap, mudo para outro. Não gosto de novo — zap, mudo de novo. Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número de vezes que você troca de canal em uma hora, diz minha mãe. Trata-se de uma pretensão fantasiosa, mas pelo menos indica disposição para o humor, admirável nessa mulher.

Sofre, minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai cruel etc. Mas o seu sofrimento aumentou muito quando meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que nasci, e

estou agora com treze anos. Uma idade em que se vê muita televisão, e em que se muda de canal constantemente, ainda que minha mãe ache isso um absurdo. Da tela, uma moça sorridente pergunta se o caro telespectador já conhece certo novo sabão em pó. Não conheço nem quero conhecer, de modo que — zap — mudo de canal. "Não me abandone, Mariana, não me abandone!" Abandono, sim. Não tenho o menor remorso, em se tratando de novelas: zap, e agora é um desenho, que eu já vi duzentas vezes, e — zap — um homem falando. Um homem, abraçado à guitarra elétrica, fala a uma entrevistadora. É um roqueiro. Aliás, é o que está dizendo, que é um roqueiro, que sempre foi e sempre será um roqueiro. Tal veemência se justifica, porque ele não parece um roqueiro. É meio velho, tem cabelos grisalhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.

É sobre mim que fala. Você tem um filho, não tem?, pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido — situação pouco admissível para um roqueiro de verdade —, diz que sim, que tem um filho, só que não o vê há muito tempo. Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha de fazer uma opção, era a família ou o rock. A entrevistadora, porém, insiste (é chata, ela): mas o seu filho gosta de rock? Que você saiba, seu filho gosta de rock?

Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso à desbotada camisa, roça-lhe o peito, produzindo um desagradável e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está, num programa local e de baixíssima audiência — e ainda tem de passar pelo vexame de uma pergunta que o embaraça e à qual não sabe responder. E então ele me olha. Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha; aparentemente é isso, aparentemente ele está olhando para a câmera, como lhe disseram para fazer; mas na realidade é a mim que ele olha, sabe que em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto atormentado, as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu olhar ele procura a resposta à pergunta da apresentadora: você gosta de rock? Você gosta de mim? Você me perdoa? — mas aí comete um erro, um engano mortal: insensivelmente, automaticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da guitarra, é o vício do velho roqueiro, do qual ele não pode se livrar nunca, nunca. Seu rosto se ilumina — refletores que se acendem? — e ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto ele, mas nesse momento zap — aciono o controle remoto e ele some. Em seu lugar, uma bela e sorridente jovem que está — à exceção do pequeno relógio que usa no pulso — nua, completamente nua.

O texto acima, publicado em "Contos Reunidos", Companhia das Letras — São Paulo, 1995, consta também do livro "Os cem melhores contos brasileiros do século", seleção de Italo Moriconi, Editora Objetiva — Rio de Janeiro, 2000, pág. 555.

Tudo sobre **Moacyr Scliar** e sua obra em "[Biografias](#)".